

O CONTEXTO HISTÓRICO DA RÚSSIA CZARISTA E O SURGIMENTO DO ROMANCE SOCIAL DE DOSTOIÉVSKI

Ludmilla Carvalho Fonseca*

Resumo: Nas obras de Dostoiévski são encontrados temas subjetivos e temas psicológicos. Porém, sobressaem-se também temas de cunho social. Ao discutir os dilemas existenciais e religiosos das personagens, Dostoiévski trata da questão social na qual as personagens estão inseridas. O caráter social não se encontra presente somente na composição das personagens dostoiévskianas, mas no projeto ideológico levantado pelo autor (ou nos vários projetos ideológicos, possibilitados pelo recurso da polifonia). O trabalho está estruturado em duas partes. No primeiro momento, faz-se uma abordagem do contexto socioeconômico e político da Rússia czarista no século XIX, para, em seguida, discutir a importância dos movimentos sociais, que buscavam combater a opressão do regime czarista, na elaboração dos romances sociais de Dostoiévski.

Palavras-chave: Projeto ideológico. Polifonia. Movimentos sociais

THE HISTORICAL CONTEXT OF THE TSARIST RUSSIA AND THE EMERGENCE OF THE SOCIAL NOVEL BY DOSTOIEVSKY

Abstract: In the works of Dostoevsky are found subjective issues and psychological issues. However, prevailing social issues. To discuss the existential and religious dilemmas of the characters, Dostoevsky broaches the social issue where the characters are inserted. The social dimension is not present only in the composition of the characters of Dostoevsky, but in the ideological project proposed by the author (or various ideological projects, enabled by the use of the polyphony). The work is structured in two parts. At first, it is made an approach to the socio-economic and political context of the Tsarist Russia in the XIX century, for then discuss the importance of the social movements, that tried to fight the oppression of the tsarist regime, in the elaboration of the social novels of Dostoevsky.

Keywords: Ideological project. Polyphony. Social movements.

* Doutoranda em Literatura e Vida Social pela Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, *Campus* de Assis.

Introdução

Dostoiévski viveu em uma Rússia marcada por profundas transformações. O século XIX russo trouxe à tona perspectivas ideológicas, sociais e econômicas até então adormecidas no grande império.

As mudanças empreendidas no governo do Czar Pedro, o grande, ainda no final século XVII e início do século XVIII, determinaram fortes consequências na Rússia de Dostoiévski (século XIX). Pedro foi o imperador que mais se deteve em abrir as portas da Rússia para a Europa ocidental. Conseguiu ampliar o território para a região do Mar Báltico (Finlândia), tornando São Petersburgo o mais importante porto da nação.

Em decorrência dessas ações pioneiras, o respaldo no século XIX, no âmbito ideológico, econômico e cultural, foi profundo. A partir desse momento, duas forças agiram de forma contrária diante do povo russo: a noção ocidentalizante (advinda da força cultural europeia) e a noção regionalizante (a manutenção da cultura genuína russa, vinculada ao oriente). Essas concepções adversas notadamente encontram-se visíveis no pensamento dostoiévskiano.

Mas para dar continuidade à reflexão da Rússia de Dostoiévski, é importante discutir o contexto socioeconômico da monarquia czarista, pois é de relevante importância para o entendimento da composição artístico-literária do autor em questão.

O contexto socioeconômico e político da Rússia czarista no século XIX

No século XIX, a Rússia já era um enorme território como o é hoje. Atualmente, é o maior país em extensão territorial do mundo, e essa questão territorial promoveu uma série de desafios, ao longo da história russa, de integração, desafios de comunicação e, principalmente, de formação de uma identidade genuína.

No passado, e ainda hoje, a Rússia não é um país de somente um povo (o russo). A Federação Russa é um conjunto de povos, minorias étnicas e nações que lutam por autonomia. O que se concebe chamar de nação russa é um mosaico pluriétnico de povos.

No século XV, o primeiro imperador a se intitular de Czar¹, Ivã III, conseguiu unificar todos os principados russos, iniciando, desse ponto, o império russo e sua desmedida expansão territorial. Até esse momento, a Rússia era compreendida por uma estreita faixa de terra a oeste da Polônia. As outras regiões, no extremo oriente, eram tomadas pelos povos tártaros e mongóis.

Com base no mapa da evolução histórica do império russo, nota-se que inicialmente o império era reduzido com relação à dimensão que atingiu no século XIX. A expansão se deu de forma intensa para a região leste (após os montes Urais), principalmente para a região da Sibéria.

Do século XVII ao XVIII, o crescimento do império ocorreu de forma marcante para o oriente e em menor grau para sua porção sul. No século XIX, ocorreu a expansão máxima do território, chegando até o Alasca (hoje Estados Unidos), no continente americano. Outro direcionamento foi para a região sul, principalmente para a região onde hoje se compreende o Cazaquistão, região marcada por profunda diversidade étnica e religiosa.

Ilustração 1 – Evolução histórica do Império Russo



¹Czar refere-se a César, o imperador romano. A sociedade russa manteve por longo tempo uma forte vinculação com a cultura romana medieval, principalmente aquela ligada ao Império Bizantino, que originou a igreja ortodoxa, maioria religiosa até hoje na Rússia. O modo de produção russo manteve-se quase intacto do período bizantino até o final do século XIX, onde ainda existia a servidão, o latifúndio sob controle dos nobres, e a pequena propriedade coletiva da terra.

A expansão do império russo se deu sustentada no acultramento (ou *russificação* das nacionalidades). A monarquia czarista ia incorporando as outras nações, submetendo-as pela força física e cultural. Esse comportamento do império se sustentou pelo traço marcante da cultura russa, o militarismo.

O principal impacto da *russificação* dos povos foi o acirramento de conflitos étnicos e a formação de uma nação pluriétnica. O povo originário da Rússia eram os eslavos, localizados na região da Ucrânia. Esse povo sempre foi maioria, dando origem ao que hoje se convencionou chamar de russo.

Atualmente, a Rússia é marcada pela presença de eslavos (os antigos), russos (recentes), caucasianos, europeus, mulçumanos, judeus, e ainda uma infinidade de povos que se encontram de forma isolada na região da Sibéria, demonstrando uma diversidade de realidades dentro de uma mesma nação.

A intensa expansão territorial e a submissão de diversos povos trouxeram aos czares muito poder e prestígio no século XIX. O império russo se tornou um dos mais importantes do mundo, naquele período, e entre os mais extensos, garantindo o fortalecimento do sistema autocrático e despótico dos czares.

Além da questão territorial do século XIX ser marcante, a Rússia também é caracterizada, nesse período, pelo atraso econômico. Enquanto a Europa ocidental estava em um momento de pleno desenvolvimento capitalista, gozando do industrialismo e do liberalismo econômico, a Rússia se apresentava na condição semifeudal, conservando os valores sociais, culturais e econômicos advindos da idade média.

As enormes dimensões territoriais e o isolamento causaram uma crise de identidade, devido à dificuldade de sintetizar uma identidade nacional em um império pluriétnico. O povo russo estava entre a modernidade do ocidente e o tradicionalismo do oriente, se fechando em seu próprio mundo.

O século XIX, período no qual Dostoiévski viveu, foi profundamente impactado por um dilema sociocultural. A abertura para o ocidente havia sido iniciada ainda no século XVIII com o czar Pedro I, mas é somente no século XIX que esse fator torna-se motivo de acirrados conflitos, causando um trauma entre o povo russo.

Havia a concepção ocidentalizante que preconizava a necessidade de desenvolvimento econômico e social da Rússia e a sua efetiva integração com a Europa Ocidental. Dentro desse

movimento, havia os liberais e os socialistas utópicos². Outra concepção eram os eslavófilos. Estes defendiam as originais tradições do povo russo (eslavos), a autocracia e as tradições ortodoxas.

Em todo o século em destaque, o império russo obteve cinco czares: Alexandre I, Nicolau I, Alexandre II, Alexandre III, e Nicolau II. Dostoiévski viveu do governo de Alexandre I até o de Alexandre III. Em 1846, no governo de Nicolau I, Dostoiévski participou do movimento político de socialistas utópicos, no qual o líder era Pietrachévski. Dostoiévski foi acusado de conspirar contra o czar, planejando junto com o grupo um atentado, sendo condenado e preso em 1849, enviado para a Sibéria. Inicialmente, foi condenado à morte, mas no último momento, já no local de execução, foi avisado de que sua pena havia sido comutada³. De fato, passou nove anos na Sibéria. Na Fortaleza de Omsk foram quatro anos de trabalho forçado, e mais cinco como soldado raso – baixa patente (MASON, 1995).

No período de Alexandre I, a Rússia vivia um momento de grande atraso econômico. Anteriormente, no governo de Catarina II, ela iniciou certa aproximação com o ocidente, realizando fortes reformas. Mas a principal mudança foi sua vinculação aos ideais iluministas, que se tornou moda no governo de Alexandre I.

A base da economia russa do século XIX era sustentada no latifúndio rural e no modo de trabalho servil. Os nobres (latifundiários) se dividiam em dois grupos: os aristocratas rurais conservadores, defensores do iluminismo; e os aristocratas urbanos radicais, defensores do liberalismo. Os radicais liberais desenvolveram um movimento conhecido como os *decembristas* que, segundo Frank, foi o primeiro movimento revolucionário contra os czares. Esse movimento foi fortemente reprimido pelo czar Alexandre I. “Os *decembristas*, entretanto, não deram a devida importância à *obschina* e tinham seus olhos firmemente fixos nos desenvolvimentos sociais e políticos europeus, que tomavam como modelo” (FRANK, 1992, p. 66, grifo do autor).

² No primeiro momento da carreira de Dostoiévski, ele se envolveu com o movimento socialista utópico, rendendo-lhe uma prisão na Sibéria, caso que será tratado à frente.

³“O czar comutou as penas de morte para as de trabalhos forçados na Sibéria, anotando sua decisão às margens dos processos. Ordenou, no entanto, que sua decisão fosse comunicada aos réus somente no último minuto antes da sua execução. [...] Os pelotões de fuzilamento tomaram posição e iniciou-se a chamada dos condenados” (MASON, 1995, p. 115-116). Esse falso fuzilamento marcou profundamente a vida de Dostoiévski.

Segundo os *decembristas*, o que tornava a Rússia diferente da Europa Ocidental era o fato de ainda não ter experimentado o liberalismo econômico. Enquanto a Europa apresentava desenvolvimento no ramo econômico, social e político, a Rússia ainda estava afundada nos antigos ideais iluministas românticos, que justificava as diferenças sociais e o sistema semifeudal, marcada pelo poder dos déspotas esclarecidos representados pelos czares. Depois de eles serem desarticulados, não houve mais nenhum movimento liberalista na Rússia, consolidando as disparidades sociais e a concentração do poder.

Outro importante movimento anticzarista, porém agora intelectual e não somente político, desenvolvido na Rússia, foi a *intelligentsia russa*. Notadamente, eles negavam o atraso russo e sua forte vinculação com o iluminismo. Por outro lado, os adeptos à *intelligentsia* valorizavam o enciclopedismo e a profunda dedicação aos estudos teóricos.

A *intelligentsia* é considerada um dos mais importantes movimentos intelectuais da Rússia. Fortaleceu-se na primeira metade do século XIX, no governo de Nicolau I. Esse movimento não era autêntico, pois devia sua inspiração aos grupos de intelectuais franceses do século XVIII.

Por um lado, no momento em que o czar Nicolau I defendia o iluminismo e reprimia o liberalismo, a *intelligentsia* foi buscar no idealismo alemão sua maior fonte de inspiração intelectual. A Alemanha vivia uma situação econômica similar à da Rússia, por isso, segundo Hauser (2003), esse movimento desenvolveu carisma pela filosofia alemã. Ainda com base em Hauser (2003, p. 865), Dostoiévski participou de forma superficial da *intelligentsia* devido a esse movimento ter sido marcado por rigor e exclusivismo.

O conceito de *intelligentsia* está sempre relacionado na Rússia com o de ativismo, e sua ligação com a oposição democrática é muito mais íntima do que no Ocidente. Os nacionalistas conservadores não podem ser vistos, de maneira nenhuma, como pertencentes a essa *intelligentsia* intransigente com seu exclusivismo sectário, e até mesmo os dois mestres supremos do romance russo, Dostoiévski e Tolstoi, só de forma limitada fazem parte dela [...].

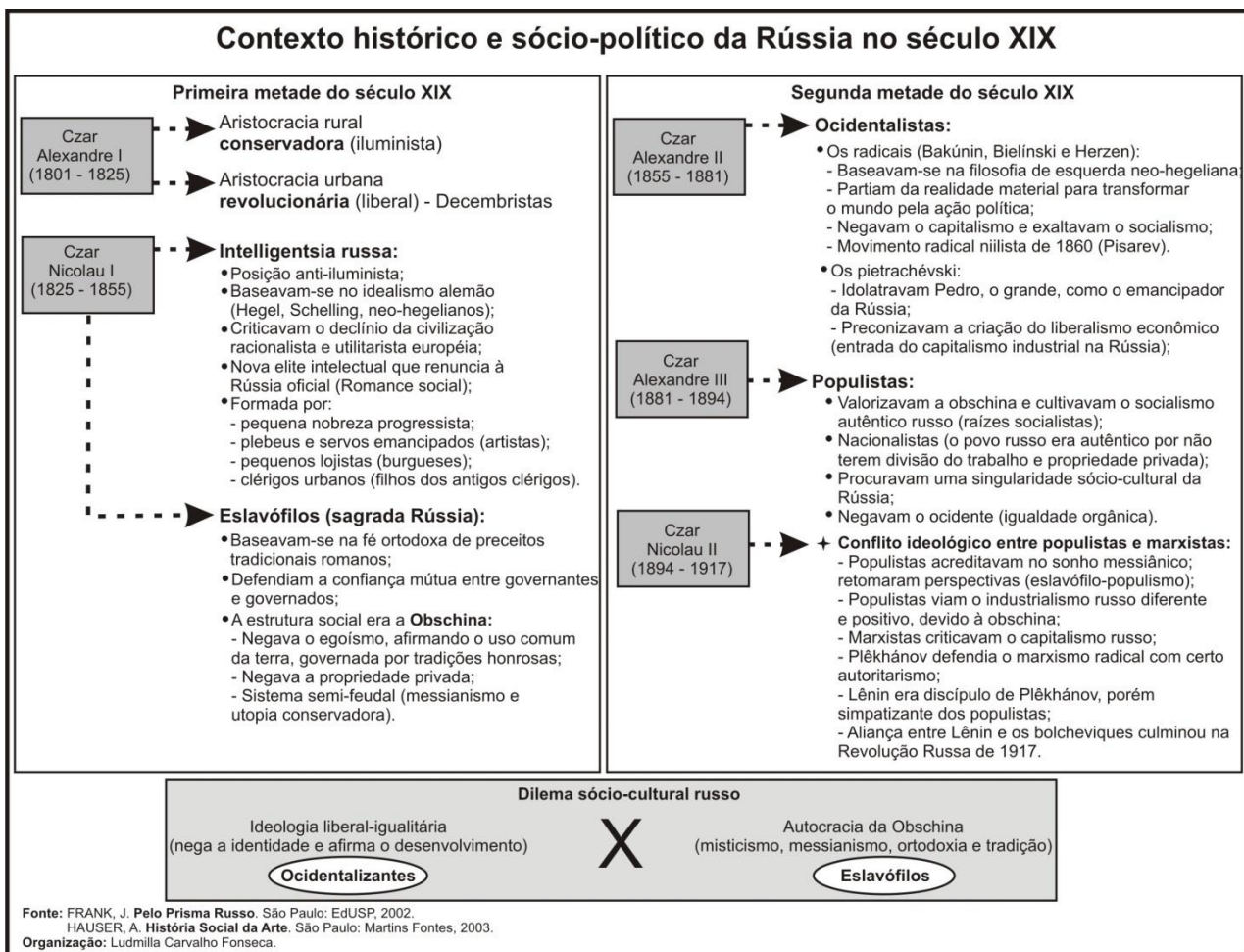
Além de ser anti-iluminista e de se basear no idealismo alemão, advindo de Hegel, Schelling, e dos neo-hegelianos (principalmente Feuerbach e Stirner), a *intelligentsia* criticava a civilização racionalista utilitária europeia, afirmando seu declínio. Dessa concepção crítica surgiu o romance social como veículo de proposição política. Segundo Frank (1992), devido ao rigor do autoritarismo dos czares, o romance social russo era o principal caminho para a discussão filosófica. Era uma forma de driblar a censura e continuar a discutir filosofia.

Diferentemente dos outros movimentos, a *intelligentsia* era formada por um caráter mais democrático. Faziam parte dela: a pequena nobreza de tendências progressistas; plebeus e servos emancipados, sendo principalmente artistas; pequenos lojistas (burgueses); e os filhos dos clérigos, aversivos ao tradicionalismo religioso.

Os eslavófilos compuseram o movimento político e cultural mais presente no século XIX na Rússia. Seus objetivos exerceram influência no pensamento de Dostoiévski, dos nihilistas de 1860, e também dos bolcheviques, inclusive em Lênin, diante da Revolução de 1917. O que garante essa forte vinculação ao povo russo é a sua incansável necessidade de conservar a cultura russa genuína e os seus valores e afirmar sua identidade nacional.

Os eslavófilos baseavam-se em preceitos ortodoxos advindos da cultura romana e da fé religiosa. Na organização social, defendiam a confiança mútua em oposição ao egoísmo. O respeito entre governantes e governados era conservado, tendo o governo autocrático dos czares como base.

Ilustração 2 – Contexto histórico e sociopolítico da Rússia no século XIX



O modo de produção social era denominado de *obschina*, modelo esse advindo de antigas tradições. Na *obschina*, o mutualismo se sobressai ao individualismo, a terra é de uso comum, governada por tradições honrosas. Acreditavam também em propostas messiânicas de que o povo russo era a salvação da decadente sociedade ocidental, adoecida pelo liberalismo. Nessa utopia conservadora, prevalecia o sistema semifeudal.

Essa característica marcante da *obschina* garantiu a denominação de *A Sagrada Rússia*, segundo a qual a Rússia devia se fechar diante de sua riqueza cultural e de suas tradições, se livrando do mecanismo utilitarista criado pela Europa, nascido do iluminismo e do liberalismo. Essa defesa de tradições patriarcais arcaicas, garantida pela *obschina*, é retratada pela personagem Bazárov que defende que o niilismo viria para superar essa crônica condição resignante na qual a Rússia se encontrava, iniciando pela quebra das hierarquias patriarcais existentes entre Pais e Filhos (TURGUÊNIEV, 1971). Posteriormente, os populistas russos defenderam a *obschina*, argumentando que ela era a gênese do socialismo, pois negava a propriedade privada dos meios de produção, e o povo russo estava preparado para o socialismo, pois estava habituado com o modo de vida coletivo-igualitário.

Em contraposição a todos os movimentos já ocorridos na Rússia, desenvolveu-se o movimento dos *ocidentalizantes*. Dentro desse movimento, dividiam-se dois grupos: os *pietrachévski* e os radicais. O último grupo teve como principais expoentes Bakunin, Bielínski e Herzen, e ainda Pisarev, se distanciando desse grupo devido à sua apologia ao niilismo, enquanto os outros oscilavam entre o socialismo e o anarquismo.

Os *ocidentalizantes* radicais sofreram certas mudanças no plano teórico, iniciando-se sob influência de Hegel, posteriormente buscando inspiração nos neo-hegelianos, e, ao fim, caminhando para um posicionamento social radical. Nessa última fase, eles começaram, a partir da realidade material para transformar a sociedade pela ação política, invertendo assim o idealismo alemão anteriormente adotado.

Dentro do movimento radical *ocidentalizante*, surgiu a mais contundente linha anti-czarista na Rússia em pleno século XIX: os *niilistas*. Tendo como seus principais divulgadores Pisarev e Tchernichévski (este ainda conservava posição socialista radical), os *niilistas*, de início, adotaram posições utilitaristas e interpretações diretas da realidade. A principal organização foi o movimento radical de 1860.

Contudo, apesar de seu ocidentalismo, Tchernichévski defendeu a *obschina* contra todas as tentativas de dissolvê-la, na ocasião em que os servos foram libertados, em 1861, e escreveu um artigo para provar que a Rússia poderia pular o estágio do desenvolvimento capitalista, já que a posse comum da terra poderia servir como base para o desenvolvimento socialista da agricultura. Dmítri Písarev [...] foi muito mais coerente ao exigir [...] a destruição da estética em favor da alimentação das massas [...] (FRANK, 1992, p. 73).

Outro agrupamento ocidentalizante foram os *pietrachévski*. Estes defendiam posições contrárias aos radicais, devido ao seu caráter mais moderado e reformador. No extenso governo do czar Alexandre II, ações reformadoras foram marcantes na segunda metade do século XIX. Ocorreram reformas liberais e modernizantes, através das quais o czar procurou renovar a estagnada sociedade russa. Houve também a decisão de decretar o fim da servidão na Rússia em 1861, por outro lado, manteve-se a estrutura de latifúndio.

Em decorrência das características dessa administração mais flexível, o movimento *pietrachévski* ganhou força. Tinha como característica idolatrar o czar Pedro, o grande, como o emancipador da Rússia, além de preconizar a entrada maciça do capitalismo industrial no império russo, sendo considerada a única solução para o atraso econômico.

Já no final do século XIX, surgiu outro movimento social na Rússia czarista: os populistas. Estes resgataram os valores tradicionais da Sagrada Rússia e aliaram-se às ideias socialistas. No período desse movimento, o czar Alexandre III sucedeu Alexandre II após este ter sido assassinado. Em decorrência desse acontecimento, os governos de Alexandre III e de seu sucessor Nicolau II foram marcados pelas velhas tradições dos czares, tendo como princípio básico a autocracia e o despotismo, desconsiderando as instituições burocráticas.

Nesse contexto, os populistas tornaram-se um movimento atuante em defesa da igualdade social russa. Eles valorizavam a *obschina* e cultivavam o que eles denominavam de socialismo autêntico, buscando conservar o etos russo. Segundo os populistas, as raízes do socialismo estavam no próprio modo de vida dos russos, sob a *obschina*, muito antes do que nos socialistas utópicos da Europa Ocidental e em Marx e Engels.

Outra característica marcante era seu excessivo nacionalismo. Para os populistas, o povo russo era autêntico por não ter passado pelo processo de divisão capitalista do trabalho e pela propriedade privada. Ainda conservava uma pureza e, de forma messiânica, era a salvação da Europa. Com base em Frank (1992), sabendo do atraso russo, os populistas defendiam uma incorporação industrial não-capitalista para estimular sua economia.

A alternativa era a industrialização não-capitalista, que estimularia todas as formas socializadas de trabalho que ainda existiam na Rússia, tirando proveito delas e ajudando na transição para formas muito mais desenvolvidas de produção. Dessa maneira, a Rússia seria capaz de chefiar o mundo em direção a um industrialismo socialista, evitando ao mesmo tempo os males do capitalismo (FRANK, 1992, p. 76).

A pessoa mais influente desse debate populista era Plekhánov, que posteriormente abandonou as tendências populistas, aderindo-se ao marxismo mais radical. Foi o responsável por criar o primeiro partido marxista na Rússia. Lênin foi discípulo de Plekhánov, porém não compartilhava com seu radicalismo.

A partir desse momento, houve uma ruptura entre marxistas e populistas, determinada por um conflito ideológico. Por um lado, os populistas acreditavam em um sonho messiânico, na construção de uma singularidade sociocultural russa, e em uma igualdade orgânica. Os populistas defendiam a cultura eslavófila e viam o industrialismo de forma positiva. Por outro lado, os marxistas criticavam fortemente o capitalismo que havia se instalado na Rússia no final do século XIX e buscavam uma luta direta entre as classes, longe de propostas reformistas. O destaque de Lênin e sua vinculação com os bolcheviques determinaram os rumos da Revolução Russa socialista de 1917. Plekhánov não apoiou Lênin, pois defendia que essa revolução iria tomar rumos autoritários e que seria desconectada da realidade sociocultural russa.

Diante dessas considerações, nota-se que na Rússia, em decorrência dos fatores políticos autoritários dos czares, da condição econômica semifeudal e dos elementos de desigualdade social, as organizações político-sociais sempre foram ativas e contestadoras. O mundo russo sempre foi espaço de experiência de sistemas sociais. Houve uma trajetória do socialismo utópico (da qual Dostoiévski fez parte), passando pelo niilismo (retratado também por Dostoiévski em seus romances), chegando às condições sociais radicais, tendo como síntese a revolução de 1917. Apreende-se com esses acontecimentos do século XIX que eles foram marcantes na vida de Dostoiévski, e que ele soube de forma primorosa retratar e interpretar seu tempo.

Os movimentos anticzaristas

Conforme já foi mostrado, diversos foram os movimentos anti-czaristas. Mas o que deve ser destacado é que na Rússia de Dostoiévski o fator de desigualdade social, de autoritarismo dos

czares e de atraso econômico são elementos presentes na realidade do povo russo. Esses fatores provocaram a ebulição desses movimentos radicais.

De um modo geral, os movimentos socialistas e anarquistas russos partiram do princípio de que a realidade russa devia ser modificada através da revolução coletiva das massas oprimidas, e o lugar dos czares devia ser substituído pelo poder popular, seja pela autogestão, por organizações coletivas comunais, ou pela ditadura do proletariado.

Diferentemente desses movimentos revolucionários, surgiram também movimentos insurgentes (utilizando a terminologia de Stirner, 2004). A partir desses movimentos, tendo como principal destaque o movimento niilista, a compreensão de revolução foi sendo considerada ultrapassada, pois traria, na opinião dos niilistas, novas estruturas repressoras. Era necessária uma ação emergencial, avassaladora e indiscriminada. Em outras palavras, grosso modo, para os niilistas era necessário eliminar os czares.

E é na origem desse novo movimento que Dostoiévski se debruça. O profundo radicalismo dos niilistas, a posição ateísta, o pragmatismo, o combate às instituições religiosas e familiares e a sede por destruição constante fizeram com que o autor russo retratasse essa nova dimensão política que se consolidava na Rússia. Primeiramente, Raskólnikov, e depois, Ivan são personagens centrais de manifestação de posicionamentos niilistas.

Dostoiévski via o niilismo russo não apenas como um movimento político, mas como um movimento que trazia à tona toda a problemática das fundações da moralidade. Isso é o que dá à sua crítica do niilismo russo tanta força e profundidade. [...] Seu romance *Os demônios* é o trabalho no qual ele ataca o niilismo russo mais diretamente (FRANK, 2006, p. 7, grifo do autor).

Como já foi destacado anteriormente, é com Turguêniev (1971) que ocorre a apresentação inicial do niilismo, através da personagem Bazárov, que é uma alusão ao filósofo Pisárev. Este defendeu critérios e objetivos do movimento niilista. Para Pondé (2006), o niilismo também está relacionado à negação total dos valores (Deus). Utilizando-se do exemplo da personagem Ivan Karamazov (DOSTOIÉVSKI, 2008) que comete um parricídio, Pondé (2006, p. 16) o relaciona ao aniquilamento do homem moderno, que se joga diante do nada, buscando sua transcendência individual.

A modernidade [...] representa a defesa filosófica do parricídio: matamos Deus, matamos o Pai, somos livres para exercermos o nada; esse nada é o niilismo articulado em todas as frentes, mas que Ivan, ao final do livro, parricida por

excelência, percebe que diante de si está o vazio, o Diabo ou seu duplo, um cínico niilista. Ele vê o mal em operação.

Um tipo de atitude muito comum dos niilistas era a ação terrorista, método esse responsável por atentados contra czares e autoridades por diversas partes da Europa (na França e na Itália o terrorismo individual ficou conhecido como Anarquismo terrorista). Mas a personalidade mais intrigante desse momento radical russo foi Sergei Nietcháiev. Apesar de se classificar como niilista, muitos o consideram como anarquista terrorista, ou somente como um desordeiro falsário. Porém, a maior manifestação de seu pensamento foi um texto intitulado *O Catecismo do Revolucionário*, o qual determina, quase como uma religião, os dogmas que o revolucionário deve seguir. Sua mais conhecida ação foi a de incentivar o assassinato de um jovem estudante por um motivo banal, ou seja, por este ter abandonado um grupo revolucionário do qual fazia parte, tendo como intenção intimidar o resto do grupo. Esse fato é tratado por Dostoiévski (1952) no romance *Os Demônios*.

A posição de Nietcháiev (2007, p. 81) com relação ao revolucionário chega ao extremo da adesão do mesmo à causa radical. Para ele,

o revolucionário é um homem condenado. Ele não possui interesse pessoal algum, nenhum negócio, nenhuma emoção, nenhum vínculo, nenhuma propriedade e nenhum nome. Tudo nele é completamente absorvido num único pensamento e numa única paixão pela revolução.

[...]

O revolucionário despreza todas as doutrinas e se recusa a aceitar as ciências mundanas, deixando-as às gerações futuras. Ele conhece uma ciência apenas: a ciência da destruição. Por isso, e apenas isso, ele estudará mecânica, física, química e, talvez, medicina. Mas todos os dias e todas as noites ele estuda as ciências vitais do ser humano, suas características e circunstâncias, e todos os fenômenos da ordem social presente. O objetivo é eternamente o mesmo: o modo mais certo e rápido de destruir toda a ordem abjeta (NIETCHÁIEV, 2007, p. 81).

A sua posição contrária às doutrinas racionais e sua adesão exclusiva à destruição demonstram o radicalismo da posição política do niilista diante da Rússia do século XIX.

Dostoiévski (2001), através do romance *Crime e Castigo*, dá forma à personagem Raskólnikov, sendo este quem materializa uma ação de revolta, cometendo um crime chocante (usando um machado), estando descomprometido com os valores humanos. Esse foi o primeiro romance do autor que trata do tema do niilismo, no sentido etimológico do termo dado por Turgueniev (1971), ou seja, o sistema do nada ou da negação dos valores.

Por outro lado, por trás desse crime havia uma atitude aparentemente justificável pelo caráter social, fato que será tratado à frente.

O romance social dostoiévskiano

As obras de Dostoiévski são dotadas de temas subjetivos e temas psicológicos (SOUZA, 2006). Porém, sobressaem-se também temas de cunho social. Ao discutir os dilemas existenciais e religiosos das personagens, Dostoiévski trata da questão social na qual as personagens estão inseridas. O caráter social não se encontra presente somente na composição das personagens dostoiévskianas, mas no propósito ideológico levantado pelo autor (ou nos vários propósitos ideológicos, possibilitados pelo recurso da polifonia).

Segundo defendem Welles e Warren ([20--?]), a literatura social na Rússia surgiu com a *intelligentsia*, no momento em que ela propôs uma ruptura com a antiga literatura que valorizava a arte pela arte. Para a *intelligentsia*, a problemática social da Rússia do século XIX garantia a necessidade da literatura dedicar-se à questão social, como sendo abordagem fundamental.

Para Frank (1992), a repressão que os russos encontravam de expressar suas ideias fez com que eles recorressem à literatura, que passou a funcionar como uma válvula de escape, onde os teóricos tratavam de temas proibidos.

Daí a notória *densidade* ideológica da melhor literatura russa – um traço que ainda continua a distinguir seus escritores – romancistas ou poetas – de seus colegas ocidentais mais livres, que às vezes invejam a intensidade da reação russa à literatura sem compreender completamente a razão para tal fervor. Isto se deve apenas ao fato de que a literatura não é um adorno ou acessório da existência cotidiana; é a única forma na qual os russos podem ver discutidos os verdadeiros problemas com os quais se preocupam e que seus governantes sempre acharam melhor que eles ignorassem (FRANK, 1992, p. 62, grifo do autor).

Esse traço marcante da literatura russa, que chama a atenção de autores estrangeiros, é também o requisito de prestígio de Dostoiévski diante da literatura mundial.

O próprio Dostoiévski utiliza como recurso literário a polifonia para representar a multiplicidade de vozes, presente em toda a movimentação social da Rússia no século XIX. A literatura social russa, incluindo-se a de Dostoiévski, aborda o aspecto social das distintas correntes de pensamento. Antes do marxismo, o pensamento social já era presente e muito significativo como conteúdo teórico dos escritores russos. O marxismo acrescentou novas abordagens no final do

século XIX. Seguindo a interpretação de Frank (1992), a literatura russa sempre esteve em consonância com o povo russo.

Se a literatura russa foi, assim, criada em conexão tão íntima com o pensamento russo, foi também porque esse pensamento era ele mesmo tão amplamente focalizado nas preocupações políticas e socioculturais que ocupavam todo cidadão russo pensante; não havia qualquer incongruência na criação de personagens conscientemente absortas em questões aparentemente tão abstratas, “filosóficas” (FRANK, 1992, p. 62.).

Na composição das personagens, Dostoiévski mantém esse traço característico levantado por Frank. O importante é que nos seus romances a diversidade ideológica assume papel preponderante, existindo conjuntamente personagens capitalistas, socialistas e niilistas. Bakthin (2005, p. 27) destaca a importante contribuição de Dostoiévski para o romance social ao criar o recurso polifônico, em que “o romancista encontrou a multiplicidade de planos e a contrariedade e foi capaz de percebê-los não no espírito, mas em um universo social objetivo”.

A própria época tornou possível o romance polifônico. Dostoiévski foi *subjetivamente* um partícipe dessa contraditória multiplicidade de planos do seu tempo, mudou de estância, passou de uma a outra e neste sentido os planos que existiam na vida social objetiva eram para ele etapas da sua trajetória vital e sua formação espiritual. Essa experiência individual era profunda, mas Dostoiévski não lhe atribuiu expressão monológica imediata em sua obra. Essa experiência apenas ajudou a entender com mais profundidade as amplas contradições que existem extensivamente entre os homens e não entre as ideias numa consciência (BAKTHIN, 2005, p. 27).

Ainda de acordo com Frank (1992), o que garantiu a forte consideração dostoiévskiana ao caráter social foi, inicialmente, sua simpatia com o segmento eslavófilo, compreendendo a *obschina* como modelo sociocultural harmônico, e, mais tarde, seu contato com a *intelligentsia* e os modelos ideológicos da filosofia alemã (principalmente Feuerbach e Stirner), que para ele discutiam o destronamento do homem-Deus.

E, embora estivesse inteiramente familiarizado com Feuerbach e Stirner, cujas ideias tinham encontrado entre os pietrachévski, Dostoiévski estava principalmente preocupado em expor os efeitos de tais ideias como as via aparecerem nas várias ideologias da *intelligentsia* radical (FRANK, 1992, p. 75 e 76).

A importância da *intelligentsia* para a literatura dostoiévskiana não se limita ao contato com a filosofia radical alemã, mas proporciona a diferenciação da literatura russa da europeia. Segundo

Hauser (2003), o romance russo é muito mais estritamente tendencioso do que o romance da Europa Ocidental.

Os problemas sociais não só ocupam muito mais espaço e uma posição mais central, como mantêm seu predomínio por mais tempo e de maneira mais incontroversa do que na literatura ocidental.

[...]

O romance ocidental termina com a descrição do indivíduo alienado da sociedade e desabando sob o peso de sua solidão; o romance russo descreve, do começo ao fim, a luta contra os demônios que induzem o indivíduo a revoltar-se contra o mundo e a comunidade de seus semelhantes. Essa diferença explícita não só a natureza problemática de personagens como Raskólnikov e Ivan Karamazov, de Dostoiévski, ou Pierre Bezukhov e Levin, de Tolstoi, não só o evangelho de fé e amor dos escritores, mas também o messianismo de toda a literatura russa (HAUSER, 2003, p. 870).

Essa condição explicitada por Hauser, na qual as personagens russas se revoltam contra o mundo em destino ao niilismo, está muito presente em Raskólnikov. Esta personagem busca, através da cometida do crime, uma ação arrebatadora das suas tensões e angústias. A dimensão das consequências dessa ação criminosa sobrecarrega seu inconsciente, envolvendo-o em uma trama dialética, entre o impulso da ação individual e as consequências trazidas pelo castigo, que se apresenta de forma muito mais psicológica e moral do que física. Desse modo, na literatura, Raskólnikov é o pioneiro causador da revolta política individual niilista.

Considerações finais

Os romances sociais de Dostoiévski discutem a transição do homem medíocre para o homem extraordinário, e que na sua base teórico-prática se fundamenta por uma ação política, visto que, posteriormente, segundo destaca Woodcock (2007), no final do século XIX as condições insuportáveis de exploração da Rússia czarista acarretariam a origem do movimento niilista ativo – que, segundo Nietzsche (2011), é o niilismo da ação e transformação – que se organiza como a variante mais radical do anarquismo terrorista, tendo como base eliminar o estado expropriativo daquela Rússia desigual.

Dostoiévski captou e reproduziu os primórdios do movimento terrorista russo na personagem Raskólnikov, de *Crime a Castigo*, incrementando-lhe características psicológicas e éticas. O ponto de partida mais radical para a guinada do que posteriormente seria um dos

movimentos políticos mais insurgentes da Rússia foi a constatação do não comprometimento com a crença e com a moral deístas, o que resultou em *Os Irmãos Karamazov*, que exerceu influência numa geração de filosofias que abordassem o crime, a crise da sociedade ocidental, a morte de Deus e a proposta de um homem superado.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Crime e castigo**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2001.

_____. **Os demônios**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.

_____. **Os irmãos Karamazov**. São Paulo: Ed. 34, 2008. v. 2.

FRANK, Joseph. A confluência da Literatura com a Filosofia. **IHU Online**, São Leopoldo, n.195. p. 5 –10, 11 set. 2006.

_____. **Pelo prisma russo**. Ensaios sobre literatura e cultura. São Paulo: EdUSP, 1992.

HAUSER, Arnold. **História Social da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MASON, James. **Mestres da Literatura Russa**. Aspectos de suas vidas e obras. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

NIETCHÁYEV, Sergey. O catecismo revolucionário. **VERVE**, São Paulo, n. 11, p. 78 – 94, abr. 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **A vontade de poder**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

PONDÉ, Luiz Felipe. Parricídio, niilismo e destruição da tradição. **IHU Online**, São Leopoldo, n. 195. p. 16-23, 11 set. 2006.

SOUZA, Leonardo Cruz de. A epilepsia e a literatura Dostoiévskiana. **IHU Online**, São Leopoldo, n. 195. p. 30-38, 11 set. 2006.

STIRNER, Max. **O único e a sua propriedade**. Lisboa: Antígona, 2004.

TURGUENIEV, Ivan. **Pais e filhos**. São Paulo: Abril Cultural, 1971.

WELLEK, René.; WARREN, Austin. **Teoria da Literatura**. Lisboa: Europa-América, [20--?].

WOODCOCK, George. **História das ideias e movimentos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 1.